

Prólogo

Argus olha a paisagem branca que passa apressada pela janela do carro que o leva para a delegacia de Triberg. O delegado Muller, ao lado dele, olha com rancor para seu prisioneiro. Ele se lembra da cena no apartamento da namorada de Hans. O corpo do segurança junto à porta. Já o corpo da prima de Cibeli jogado na sala, perto da porta da cozinha. O casal assassinado. Ela não vai falar nada para Argus. (Vamos ver se ele entrega o ouro e facilita o meu trabalho). Ele começa ali mesmo seu interrogatório, mesmo que seja algo informal:

- Por que não se livrou do anel enquanto pode?

Argus não fala nada, continua olhando para a paisagem em movimento. O delegado continua:

- Eu reparei como aquele grupo de brasileiros na recepção ficou surpreso, abalado mesmo, quando você passou algemado por eles. Eram amigos seus?

Agora Argus responde sem desviar os olhos da janela:

- Eu vou facilitar as coisas para o senhor, delegado. Como já sabe, ou vai saber, eu tenho experiência em lidar com acusações. Tenho experiência com interrogatórios e depoimentos em delegacias. Não vou falar

nada. Não vou responder nenhuma pergunta sem a presença de um advogado.

Muller tem um sorriso agressivo:

- Não facilite nada para mim, senhor Argus.

Você sabe que esta investigação é algo pessoal para mim e você sabe o porquê. Ou não sabe?

Argus permanece calado. O delegado continua:

- Vai ser um prazer ouvir o juiz aplicar a pena máxima quando eu terminar com o senhor.

Sai de uma vida toda como penitenciário e em poucos meses volta para a cadeia. Parece que sabe bem qual é o seu lugar neste mundo, senhor Argus.

Argus apenas continua olhando pela janela.

Por um momento ele fecha os olhos. Ele pensa irônico: (Meu primeiro aniversário livre vai ser na cadeia. Feliz aniversário, Argus).

PARTE 1

A DAMA DOS PERFUMES

Um dia Após o Anel no quarto de Argus

Ainda abalada e perdida com os últimos acontecimentos, Cibeli assiste a noite mórbida começar a cair sobre a casa de campo em silêncio. Ela se lembra de quando deu seu primeiro presente a prima pelo feito dela de passar para a faculdade de Química da UERJ:

“É um perfume. Eu mesmo fiz. Fique com ele, Sílvia. Também é um presente pelo seu feito. Parabéns pela UERJ e pelo carro. ”

Cibeli suspira abatida quando se lembra de sua tia Avelinne:

“Que profissão maravilhosa. O que é preciso para ser uma perfumista?”

Agora é hora de dar a notícia à mãe e ao pai de Sílvia. Hora de a tragédia ganhar contornos ainda mais dramáticos. (Um passo de cada vez, Cibeli). Ela disca número por número do telefone da residência dos pais de Sílvia no Brasil. Ela reza para que o pai atenda. Dar a terrível notícia a Avelinne seria como condenar alguém a algo pior do que a morte. O telefone toca. Avelinne atende. Cibeli suspira desanimada:
- Bom dia, Tia.

- Cibeli! Que surpresa maravilhosa este seu telefonema, Cibeli. Ontem mesmo eu...

Cibeli a interrompe:

- Tia, eu tenho uma notícia terrível...

A mãe de Sílvia fica em silêncio, à espera, aflita.

- Sílvia faleceu.

Um silêncio que parece não ter fim aumenta ainda mais a angústia de Cibeli, então ela escuta a voz perplexa do outro lado da linha:

- Do que está falando?

- Sílvia não está mais entre nós, tia.

Mais um rápido silêncio.

- Por favor, Cibeli. O que está dizendo?

Uma consternada Cibeli agora em silêncio, começa a chorar. Mais alguns segundos então Cibeli escuta a tia desesperada:

- Que brincadeira é esta?! Coloque-me para falar com ela agora mesmo!

Cibeli só consegue chorar. Mais um silêncio terrível do outro lado da linha. Avelinne desliga o telefone. Cibeli encontrou forças para fazer o mesmo.

Para os empregados da casa de campo, o choque já passou. Tudo que resta agora é um silêncio e uma tristeza muda. Grace interrompe o fim de tarde calado:

- Pobre senhora Gatti. Ela parecia feliz como nunca há alguns dias. Meu Deus.

Luana olha aflita para Grace:

- O que eu podia fazer? Eu achei o anel enquanto ajeitava o quarto para Enzo. Nunca abro a gaveta de ninguém, mas desta vez a gaveta estava aberta. O anel estava lá. Apenas o entreguei para Agner.

Agner se lembra de quando recebeu o anel. Ela diz olhando pela janela a paisagem que começa a escurecer com o fim da tarde.

- Você fez a coisa certa, Luana. Nós todos recebemos fotos do anel durante a investigação. Mesmos que a morte estúpida de Hans e sua noiva não tivesse acontecido, nós teríamos que entregar o anel à polícia sem se importar com consequências. Agora mais ainda, com este assassinato brutal e covarde. Enzo olha para o grupo e diz:

- Como sabem, eu e Cristóvão somos novos na casa. Não conhecemos nenhum de vocês a fundo, por isso posso me ater somente aos fatos. O anel estava com Argus, isto agora é de conhecimento público. Qual o motivo para a morte do segurança e de sua noiva? Se Hans investigou e descobriu que Argus estava com o anel, o motorista pode ter visto uma chance de seu noivado ser desfeito por Cibeli.

Precisamos apenas descobrir se Hans sabia do anel, se não sabia, não havia motivo para Argus cometer o crime. Problema resolvido. Se Hans sabia, obviamente Argus é o principal suspeito. E se matou o casal, ele foi vencido pela dualidade de cada um de nós.

Algo como o médico e o monstro. Em minha opinião, dependendo das circunstâncias, cada um de nós pode se tornar um monstro
Natascha abaixa a cabeça enquanto diz:

- Hans sabia.

Depois de alguns segundos de perplexidade entre os empregados, Agner tem um olhar de autoridade para a arrumadeira quando diz:

- Explique, Natascha.

Eu entrei na sala de estar um pouco antes de Cibeli apresentar Argus como seu noivo, naquela reunião com os empregados para uma última olhada e ver se estava tudo bem.

Hans e sua noiva estavam lá, sozinhos de costas para mim. Eu ouvi quando a senhora Sílvia perguntou a Hans:

“Acha que deve contar a Cibeli sobre o furto?”

-Hans respondeu:

“Prefiro que ele mesmo conte a ela. Todo mundo pode errar um dia. Será melhor ela saber por ele. ”

Um pesado silêncio volta a cair entre os empregados até que Luana diz:

- Eu também tenho algo a contar.

Todos os olhos se voltam para Luana:

- Eu ouvi Hans dizendo a Argus que não quero segredos entre eles e a senhora Gatti.
Ele disse a Argus:

“Conte a ela. Eu vou te dar um período para você pegar o seu tempo. Mas se não contar eu mesmo conto. ”

Enzo olha para o nada quando diz:

- Então, agora é como eu disse. Qualquer um pode se tornar um monstro em determinadas circunstâncias.

Grace fala decidida:

- Só o fato de o anel estar com ele já é uma grande decepção, mas se ele matou Hans não me importo com as circunstâncias, ele vai para a cadeia para o resto de sua vida. Isto eu prometo.

Natascha parece inconformada:

- Não entra na minha cabeça que Argus faria algo assim.

Clarinha olha para Natascha:

- Claro, um amigo, quase um irmão. Sabe por que a decepção dói tanto, Natascha?

Natascha olha para o mordomo, ele continua:

-Por que a traição nunca vem de nossos inimigos.

Todos os empregados concordam em seu silêncio.

Capítulo 2

Preocupada com a mãe, Leona voltou a casa de campo assim que soube de tudo o que aconteceu. Elas comentaram rapidamente os fatos e Cibeli se retira triste. Agora em Triberg parece um dia de verão. Leona vai até a sala de estar. Ela desconsidera os quadros valiosos e relógios de corda perfeitamente sincronizados que enfeitam as paredes. Escolhe um sofá de couro de frente para a grande janela que dá para uma parte do jardim. Fica ali olhando distraída. Pensa em seu novo namorado. Seria bom se estivesse aqui com ela agora, mas ela entende. Ele está sempre ocupado com seus negócios. (E eu também sempre ocupado com os meus). Então algo chama a atenção dela nos jardins da mansão. O rapaz tem postura. É elegante. Tem cabelos encaracolados em um corte bagunçado. Leona não consegue tirar os olhos do rapaz enquanto ele segue pela trilha que leva à entrada da mansão. (Ele é quase um garotão. Deve ter a minha idade. Quem será ele?) De repente o rapaz que caminha solitário começa um movimento frenético com os braços, como se estivesse batendo em um ritmo veloz um instrumento de percussão. Leona tem um grande sorriso divertido quando vê a cena. (O garotão está viajando

em sua imaginação. Deve ser baterista ou algo assim).

- Com licença, senhora Leona. O almoço está servido.

Leona agradece sem tirar os olhos do rapaz que caminha sozinho pelo jardim. O toque frenético da bateria imaginária foi rápido e já acabou, mesmo assim ela não consegue tirar o sorriso da boca. Ela está encantada por ele.

- Quem é aquele rapaz nos jardins, Agner? Agner se aproxima da janela.

- Enzo, o nosso novo motorista. Ele vai substituir o senhor Argus.

O rapaz some na trilha adentro, mas Leona ainda tem aquele sorriso enfeitiçado pelo novo motorista.

Cibeli e Leona estão juntas na sala de reunião da família. Cibeli, cansada, olha para o nada enquanto diz:

- O corpo de Sílvia já está pronto para seguir viagem. Nós partimos segunda feira, mas antes eu vou visitar Argus. Domingo é dia de visitas, minha primeira visita.

Leona suspira e diz:

- Eu conversei com o delegado pelo telefone. Ele acha que Argus é o culpado pela morte do casal. Não acredito nisso, mãe. Com anel ou não, eu não acredito nisso.

Cibeli tem pela primeira vez no dia um sorriso discreto e triste.

- Eu estou solidária com ele sobre o anel. Eu o trouxe do inferno, aquele cativeiro eterno que sempre aguarda pessoas com a história dele e lhe mostrei o paraíso, minha terra prometida. Depois eu o convidei para voltar para a prisão novamente. Uma gaiola de ouro.

- Como assim, mãe?

- Eu ofereci um de nossos muitos apartamentos a ele em troca de sexo casual com ele sempre que eu desejasse. Disse a ele que o que mais ele podia esperar da vida? Ele disse, não. Logo depois pediu demissão.

Leona tem um olhar aflito para a mãe. Cibeli continua:

- Primeiro eu o trouxe para um final digno na Espanha, nada mais. Alguns dias para ele saber que eu sempre pago minhas dívidas. Depois ele partiria para Madri.

Agora Cibeli olha para a filha, tem algo de determinado na expressão da mãe quando continua:

- Com o fim do meu casamento eu me senti atraída por Argus. Aquela mesma paixão imbatível e marcante de meus dezenove anos. Mas como construir uma história aqui neste mundo real ao lado dele, um homem com a história dele? Um homem que passou a vida toda trancafiado? Um homem que chega aos cinquenta anos sem saber o que é uma família? Um homem sem futuro? Sem filhos.

Então, eu o usei como meu objeto sexual até o dia em que eu formalizei a proposta para sua prostituição. Era pegar ou lagar. Ele decidiu ir embora. Como disse, eu lhe mostrei o paraíso e o mandei de volta para o inferno, até que o furto do anel o obrigou a ficar mais um tempo ao meu lado. Um furto que ele praticou simplesmente por que se sentiu no direito de ter uma vida decente, do único jeito que agora isto seria possível.

Leona balança a cabeça em um sinal negativo de inconformismo.

- Ele não matou Hans e Sílvia, mãe. Não foi ele. Eu tenho certeza.

- Eu sei filha, eu também acredito nisso. Até porque Hans não sabia que Argus estava com o anel. Se soubesse ele teria me contado. Por que Argus ia tirar a vida de alguém por nada? O interfone toca na sala de reuniões, é Agner:

- Senhora Gatti, Luana e Natascha querem uma reunião com a senhora.

Depois de algum silêncio, Cibeli diz a governanta:

- Eu encontro com elas em meu escritório particular em uma hora e meia.

Cibeli agora se vira para a filha:

- Antes da reunião, vamos ao meu quarto, eu quero te mostrar algo.

Então subitamente Cibeli desaba. Começa a chorar como uma criança. Leona, comovida, abraça a mãe. Cibeli continua:

- Por que tem que ser assim para algumas pessoas? Tudo tão difícil?
- Do que está falando, mãe?
- Está lá no relatório de Hans. Argus era inocente, mas meu pai, um desembargador, convenceu a juíza a condená-lo por crime hediondo. O maldito impediu Argus de realizar sua profissão, viver seu dom...
- Leona olha para o nada. Cibeli se diz:
- Vamos até meu quarto, filha.

Mãe e filha estão diante do cofre ao lado da escada em forma de caracol. Com cuidado, Cibeli abre o cofre e retira uma caixa preta de metal, o objeto de sua vergonha. Ela olha para filha e diz:

- Você se lembra de quando tinha quinze anos, me perguntou o que tinha dentro do cofre e me deixou irritada com sua bisbilhotice?

As duas agora conseguem sorrir uma para a outra:

- Você me disse que tinha um gato morto. Eu perguntei perplexa: Dentro do cofre? Você disse: Isto mesmo, a curiosidade matou o gato.

Agora Cibeli não sorri mais, pensa olhando para o cofre em seu fetiche e seus perfumes: (Alguns de nós temos um cofre em nossa mente. Um segredo trancado que morre com

nós. Mas para Argus eu abri este meu cofre em minha alma, meu fetiche com meus perfumes, isso me uniu a ele para sempre).

As duas se voltam para a caixa.

- Agora você vai saber. Eu espero que com o que vou lhe mostrar, você entenda o erro de Argus. Um erro que qualquer um pode cometer em certas circunstâncias.

Ela abre a caixa e conta a história do objeto à filha. Inesperadamente Cibeli vê novamente lágrimas na filha. A mãe, comovida pela tristeza de Leona por Argus, se lembra do que disse a Leona naquele dia de fúria:

“Sentir orgulho de uma mãe por ela tirar a última chance de uma vida digna de um ser humano fragilizado pelas circunstâncias que não pode controlar é digno de pena. Tenho medo de descobrir que você não tem empatia se lhe contar o resto da história. Descobrir que como eu, nunca haverá uma terra prometida para você, Leona. ”

Cibeli olha para a filha:

- Quando eu contei a você sobre Argus, naquele meu ataque de fúria eu disse que tinha medo que nunca houvesse uma terra prometida para você. Eu estava errada, Leona. Eu vejo suas lágrimas. Você acabou de chegar ao seu paraíso.

Leona não fala nada. Cibeli olha para a caixa e continua:

-Agora nós temos uma carta a escrever. E uma caixa a enviar pelo correio.

Capítulo 3

TRIBERG

Na sala de estar com o quadro com a pintura a óleo de Cibeli, Agner tem aquele olhar grave para as duas arrumadeiras quando diz:

- Eu não quero nada de indeciso ou qualquer vacilo da parte de vocês. Vocês apenas vão relatar os fatos para a senhora Gatti. Nada mais, entenderam?

As duas ficam em silêncio. Luana tem os olhos fixos na imagem da Dama dos Perfumes quando pensa. (Me perdoe pelo o que vai saber, senhora Gatti).

Já em seu escritório particular, a reunião com Luana e Natascha ainda não começou. Sob o impacto da carta que acabou de escrever e enviar junto com objeto de sua vergonha, Cibeli aguarda as arrumadeiras com a filha ao lado dela. A mesa larga de madeira maciça, negra e envernizada, a cadeira de couro confortável para o trabalho, as duas poltronas à frente da mesa, dois sofás também de couro com uma pequena mesa retangular de centro. As paredes são forradas por tábuas corridas, também envernizadas e contém quadros com as condecorações e diplomas de Doutor

Honoris Causa de faculdades de Química como as de Copenhague ou Grasse.

- Com licença, senhora Gatti.

Agner está à porta. Junto com ela, Luana e Natascha.

- Podem entrar.

Assim que elas entram Cibeli aponta as duas poltronas a sua frente.

- Não será necessário, senhora Gatti. As meninas vão dizer o que ouviram em pé mesmo e depois voltam ao trabalho.

- Como quiser, Agner.

A governante olha para Luana:

- Pode começar, Luana.

Luana olha para a Cibeli com seus olhos negros e expressivos apreensivos.

- Um dia eu entrei distraída na sala de Hans.

Não sabia que ele estava em uma reunião com Argus. Antes que pudesse me desculpar e sair, eu não pude deixar de ouvir Hans falando algo a Argus.

Luana fica em um momentâneo silêncio, parece não querer contar o que ouviu:

- O que ouviu, criança?

- Hans disse a Argus:

“Não quero segredos entre nós e a senhora Gatti. Conte a ela. Eu vou te dar um período para você pegar o seu tempo. Mas se não contar eu mesmo conto.”

Leona prende a respiração. Cibeli fica alerta com o que ouviu, que segredo seria este? O anel com Argus?

- Quando ouviu isto, Luana? Foi antes ou depois do furto do anel?

- Foi logo depois que a senhora ofereceu ao senhor Argus o trabalho como seu motorista particular.

Cibeli raciocina (Então foi logo depois do roubo do anel. Não importa, pode ser qualquer coisa, qualquer segredo menor).

Agner agora se vira para Natasha.

- Diga o que ouviu, Natasha.

- No dia em que a senhora nos reuniu na sala de visitas para comunicar seu noivado com Argus eu fui um pouco antes de sua chegada à sala. Uma última olhada para ter certeza que estava tudo em ordem. Quando entrei na sala de visitas eu vi o casal de costas para mim, olhando pela janela. Eu também não pude deixar de ouvir o comentário da senhora Sílvia para Hans:

“ Acha que deve contar a Cibeli sobre o furto de Argus? ”

- Hans respondeu a Sílvia:

" Prefiro que ele mesmo conte a ela. Todo mundo pode errar um dia. Será melhor ela saber por ele. "

Cibeli agora entende, Hans sabia sobre o furto do anel, mas por que não me disse nada (Claro, o anel não era meu nem pertencia a casa de campo. Hans apenas deu um tempo a Argus para ele mesmo contar sobre o anel. Aquilo era um motivo para o assassinato de seu segurança e de sua prima. Isto não quer dizer que Argus cometeu o crime, mas seria mais lenha na fogueira que aponta Argus como o principal suspeito). Cibeli não vacila:

- Alguém mais sabe disto?
- Só os empregados da casa e agora a senhora.
- Peço que não falem sobre isto a mais ninguém por enquanto.

Na delegacia, com Argus preso, o pôr do sol vai dando a tarde uma estranha cor avermelhada à Floresta Negra. Algo incomum nesta parte do mundo. Desinteressado, o delegado assiste distraído a paisagem:

- Foi alguém que ele conhecia.

O policial Gerard toma um gole de seu café:

- Por que tanta certeza?
- Hans não seria abatido de maneira tão simples se não fosse pego de surpresa.

Principalmente com a sua namorada, a quem ele tanto amava, ao seu lado no apartamento dela.

- Por que a brasileira foi morta?

- Provavelmente queima de arquivo. Não queriam testemunhas. Mais um indício de que o assassino era conhecido deles.

Gerard termina seu café:

- Pode ser, mas você levava muita fé nas habilidades de Hans. A gente sempre pode encontrar alguém mais preparado. Pode ter sido simplesmente um pistoleiro melhor a mando de alguém do passado dele.

- Claro. Não descarto nenhuma possibilidade. O policial Gerard, um homem forte, calvo, com seu rosto de olhos miúdos e nariz empinado, agora se senta na frente do delegado:

- Pode ser um acerto de contas do seu passado de ladrão de bancos.

Muller rebate o argumento do policial.

- Pode ser algo que Hans descobriu recentemente como um crime a ser denunciado.

Neste momento Muller continua seu raciocínio:

- Hans pode ter achado o anel roubado pelo ex-presidiário, por exemplo. Justamente na hora em que o ladrão está prestes a casar com a senhora Gatti e garantir um futuro nababesco com o qual ele jamais poderia sonhar. Claro que se foi assim, Hans pressionou Argus para contar a verdade a Senhora Gatti, algo como:

" Eu vou dar um tempo até que você conte a ela, mas se até o casamento você não falar nada, eu mesmo vou contar."

Gerard contra argumenta:

- Ele descobriu uma tentativa de sequestro. A bandidagem sabe como seria perigoso enfrentar Hans em um possível sequestro, eles podem ter decidido primeiro lidar com o segurança, depois tentar o sequestro.

- Por isso mesmo ele estaria mais preparado do que nunca para qualquer confronto. Além disso, uma equipe pronta para um sequestro jamais faria isto. Seria como mandar um aviso do tipo "logo estaremos aí". Ele foi traído. É alguém que ele conhecia e confiava que o matou. E o anel é encontrado com Argus o coloca de longe no alto da lista de suspeitos, mas você tem razão, Gerard. Vamos explorar todas as possibilidades.

Muller olha para seu relógio.

-Amanhã a esta hora vou até a casa de campo da senhora Gatti, como ela pediu. Vamos ver o que a dama dos perfumes quer comigo.

- Como se você não soubesse. Muller.

Capítulo 4

Assim que soube da morte de Hans e de sua tia Sílvia, Júnior resolveu ir até a casa de campo. Ele encontra uma Cibeli como que sedada, atingida pela morte da prima e de Hans e a prisão de Argus:

- Quer ficar sozinha, mãe?

Ele se lembra de Argus, no dia em que ele precisou dela, no dia em que ele soube da morte da mãe dele:

“Nunca com você ao meu lado. ”

Cibeli não fala nada. O filho senta-se em frente a ela e acompanha o olhar dela para o pôr do sol pela janela, ela diz:

- Filhos e filhas não deviam morrer antes de seus pais.

Júnior suspira. Ele tem um filho a caminho. Sabe como isso é doloroso. Ele tem uma expressão triste quando diz:

- Sem palavras, mãe.

Agner está à porta do escritório de Cibeli:

- Com licença, senhora Gatti.

- Pois não, Agner.

- O Delegado Muller está na sala de visitas.

- Obrigada, eu já vou até lá.

Assim que Agner se retira, Júnior comenta:

- Parece que a senhora Agner assumiu seus oitenta e cinco anos. Seus olhos não têm mais aquele vigor de sempre.

- De certo modo todos os meus queridos são como filhos para ela. Hans foi uma perda especialmente difícil para Agner. Eles estavam juntos desde quando ela chegou à casa de campo.

Cibeli se levanta:

- Eu vou receber o delegado.

Júnior olha para a mãe:

- Mesmo sabendo que no fim Argus estava com o anel, isto necessariamente não quer dizer que ele matou Hans e sua prima.

Júnior agora se aproxima carinhosamente da mãe e continua:

- Mas mãe, só peço que mantenha a mente aberta para não se decepcionar sem motivo quando a verdade vier à tona e se ela não for o que você imagina. Argus passou a vida dentro de uma penitenciária. Quem sabe o que pode passar pela mente de um homem assim? Eu já te disse que não tenho nada contra ele pessoalmente, mas uma união entre vocês dois, de história e experiências tão diferentes, será como uma roleta russa eterna ou cair em um buraco negro sem saber o que tem do outro lado.

Cibeli fica em silêncio. Júnior continua:

- Por que o contratou como seu motorista particular?

- Leona o despediu da empresa pelo furto do anel...

Agora ela tem um olhar com um tom hostil para o filho quando continua:

-Não quero e não preciso conversar sobre isso com você, mas eu o contratei por que fui informada por Hans que ele era inocente.

- No entanto, o anel estava com ele. Hans estava errado. Uma convicção errada. Não acha que Argus devia ter te contado sobre o anel?

Cibeli se rende a lógica do filho. (Ele devia ter me contado).

- Isto não quer dizer que Argus assassinou Hans e minha prima.

- Mãe, agora não é hora de convicções. Agora é hora de investigar os fatos e, com provas, prender o assassino. Doa a quem doer, seja lá quem for o assassino.

Por um momento Júnior se cala. Depois continua:

- Eu fiquei sabendo que você ofereceu um apartamento para Argus ficar a sua disposição na Dinamarca.

Agora Cibeli tem um olhar furioso para o filho.

- Como ficou sabendo disso?

- Eu estou preocupado contigo. Tenho minhas fontes.

- Você me seguiu ou algo assim?

- Não cheguei a este ponto, mas foi fácil deduzir o fato. Você o leva para uma viagem

a Copenhague na noite em que ele ia para Madri. Depois eu verifiquei com a nossa corretora de imóveis

- Certo, e daí? Não interfira em minha vida pessoal.

Júnior agora se lembra das instruções de Sofhia sobre o assunto.

- Se na época propôs algo como transformá-lo em um garoto de programas, ele só tinha duas opções: Aceitar o papel da prostituição ou recusar e nunca mais aparecer. Ele recusou, mas não foi embora, continuou ao seu lado, não me parece uma atitude de um homem de caráter.

- Ele não podia voltar para o Brasil, estava sob investigação policial.

- Duvido que você, no lugar dele, fizesse a mesma coisa. Já pensou? Ele a leva para conhecer um apartamento e diz: "É seu! Esteja pronta para mim sempre que eu a desejar."

Cibeli fica em silêncio enquanto pensa: (Júnior tem razão, eu jamais voltaria para um homem que me tratasse como uma prostituta). Ela resolve mudar de assunto:

- Primeiro preciso lidar com a morte de minha prima e Hans, depois eu vou conversar com ele. (Argus devia ter me contado sobre o anel).

À tarde, na casa de campo, o delegado está apreciando as obras espalhadas na parede.

Tudo na grande sala de visitas da mansão tem um “toque” único. São quadros clássicos ou expressivos. Os relógios de corda tão apreciados nesta parte da Alemanha estão impecavelmente alinhados em seus horários. As poltronas e sofás de couro preto com suas mesas de centro dividem o local em dois ambientes. Um deles fica de frente a uma grande lareira.

- Com licença, delegado Muller.

Cibeli aponta um dos sofás. Os dois se acomodam. Tem um bule de café em cima da mesa de centro do ambiente. Cibeli serve a xícara e a passa para o delegado:

- O que tem a me dizer sobre a morte de minha prima e Hans.

Agora ele pensa no que vai dizer:

- São três cenários possíveis. O assassino é alguém do passado criminoso dele. Algo como um acerto de contas. Ou alguém que tem motivos para afastar o segurança da casa de campo, quem sabe sequestradores?

O delegado continua sua linha de raciocínio:

- Tem um terceiro cenário possível: O assassino é alguém de dentro desta casa.

Neste caso a apuração pode não ser de seu agrado, Senhora Gatti.

Ela entende o recado, diz ao delegado:

- Antes de ser levado algemado, meu noivo pediu para lhe dizer que não se importa em estar na lista de suspeitos. Quem não deve não teme.

- Suspeito de que? Suspeito pela morte de Hans e sua prima?

Cibeli se cala, nenhum dos dois, tanto ela como Argus, sabiam da morte de seu segurança e sua prima naquele momento. Ela olha para o delegado e dá um sorriso desconfiado:

- Vejo que já começou seu trabalho. Na verdade, nenhum de nós dois sabia ainda da tragédia. Naturalmente ele falou como suspeito pelo o roubo do anel.

- Sobre o anel, ele não é mais um simples suspeito. É uma pessoa que em breve será indiciada por este crime. O vídeo em si já é muito claro, só faltava o anel. Agora ele foi encontrado no quarto dele. Sinto muito, senhora Gatti, mas a pena para o furto é de seis anos de reclusão carcerária.

- Tem tanta certeza assim que foi ele?

- Eu trouxe o vídeo do furto aqui em meu celular, quero mostrar a senhora.

Cibeli assiste ao vídeo em silêncio. O vídeo o mostra se aproximando do anel no balcão. A imagem agora não mostra o mais o anel, o corpo de Argus encobre o objeto. Quando Argus se vira, ainda encobrindo o anel, ele coloca as duas mãos fechadas no sobretudo e sai caminhando. Então, assim que ele sai da frente do campo visão do anel, a joia não está mais lá e não tem ninguém por perto. Para Cibeli o vídeo de fato parece indicar claramente o roubo. O delegado continua:

- Seu motorista...
- O nome dele é Argus, senhor Muller.
- Desculpe, senhora. Como dizia, o senhor Argus alegou que esbarrou no anel, por isso a joia não estava mais lá. Não podíamos indiciá-lo sem a prova do crime. Agora o anel aparece no quarto dele.
- Cibeli suspira vencida. (Por que não me contou, Argus?). O delegado continua:
- Ele estava mais próximo da cena do crime do que ninguém quando o anel sumiu. Agora o objeto do roubo aparece em seu poder. É tudo que preciso, mas não vou parar por aí, ele mentiu sobre anel, então por que não mentiria sobre o crime contra o casal?
- Não acredito que ele faria isto.
- Um ex-presidiário. Um homem que passou a vida adulta toda entre criminosos. Não acho que seria tão difícil assim para ele cometer o crime.
- Ele não faria isto. Preferiria perder o casamento a cometer um crime tão bárbaro. (Então por que não me contou sobre o anel, Argus?).
- Peço à senhora que me dê acesso às câmaras que rodeiam os jardins da casa de campo. Talvez elas mostrem algum estranho entrando na casa dos empregados, assim teríamos pelo menos mais um suspeito para investigar. O anel poderia estar no quarto por obra de terceiros.

- Vou orientar Agner a lhe dar o que pedir, sob minha supervisão, claro. Quando posso ver meu noivo?

- Hoje mesmo. Assim que me prometer que não vai contar a ele o que aconteceu com Hans e Sílvia.

Cibeli fica surpresa com a proposta do delegado.

- Por que não contaria a ele?

- Fica mais fácil fazer meu trabalho se ele cometer um ato falho que demonstre que ele já sabia do assassinato do casal antes mesmo de ser preso. Neste caso ele sabe que estão mortos por que ele mesmo cometeu o crime.

- Sinto muito, mas assim que encontrá-lo, eu vou contar a ele sobre a morte de seu amigo e minha prima, senhor delegado. Não tenho segredos para meu futuro marido.

- Então devo informar que o dia de visitas é aos domingos. Até lá já concluí meu trabalho.

- Concluiu o seu trabalho sobre o anel ou o assassinato?

- Sobre o anel. Sobre o casal morto Argus está no alto da lista de suspeitos, mas é só mais um suspeito.

- Então tem mais algum suspeito em vista além dele.

O delegado sorri para a Senhora Gatti.

- Todos são suspeitos, inclusive a senhora.

Cibeli devolve o sorriso para o jovem delegado e repete:

- Quem não deve não teme.

Ele se levanta:

- Eu vou continuar a investigação como policial mesmo. Não se preocupe com qualquer injustiça no caso. Mesmo que as provas circunstanciais sejam muito fortes contra seu noivo, prometo que não sossego enquanto não descobrir a verdade.

Cibeli retira um envelope de sua bolsa e o entrega ao jovem delegado:

- Aqui está uma cópia do relatório de Hans sobre o histórico de Argus. Ele o construiu enquanto o qualificava para trabalhar na casa de campo. Você sabe da dedicação dele a minha segurança, Hans nunca colocaria um assassino perigoso ao meu lado. Argus não matou ninguém.

- Eu vou ler seu relatório, mas independente disto o anel estava com ele, só isto já qualifica o furto. Peço que mantenha a mente aberta, senhora Gatti. Obrigado pelo café.

Cibeli suspira, tudo parece um pesadelo (Argus, eu sei por que você pegou aquele anel. Eu até entendo isto. Um homem que foi trancafiado injustamente durante toda a vida vai embora sem ter como sobreviver depois de ser convidado a se prostituir pela única pessoa que você ama. Logo estaremos juntos e conversamos sobre isto. Eu nunca vou abandoná-lo. Vamos descobrir juntos quem matou minha prima e meu querido anjo da guarda).

Capítulo 5

A neve fica cada vez mais forte. A estrada fica perigosa. Na sala de jantar da mansão ela pergunta a Agner:

- Agner, acha que o jovem motorista já está preparado para dirigir em uma nevasca destas?

Ao lado de Leona, Agner balança a cabeça em um sinal afirmativo.

- Com certeza, senhora. O treinamento dele é bem rigoroso. Além disso, ele já foi piloto de rali. Sabe lidar com um carro.

Leona suspira. De certa forma não era a resposta que ela esperava.

- Então eu o quero pronto depois do almoço. Nós vamos Munique.

- Eu vou informá-lo. O assado que pediu está pronto. Posso servi-lo?

Leona tem um sorriso no rosto.

- Por favor, Agner.

Depois do almoço e um breve descanso, Leona está pronta para a viagem. Ela se dirige ao carro corporativo. O jovem motorista abre a porta para ela. Por um momento ela fica travada. Por alguns segundos, ela não desgruda os olhos dele. Ela quase sorriu para

ele. Então cai em si. Cumprimenta formalmente empregado:

- Obrigado.

- Por nada, senhora Leona.

O coração dela acelera com a visão próxima dele. O jovem de cabelos castanhos escuros e olhos negros tem um rosto quadrado e um leve perfil alongado. Não tem nada demais, mas o conjunto da obra é perfeito. Ele entra no carro.

- A senhora deseja que eu levante o vidro da cabine?

Ela pensa no que dizer, procura dar um tom indiferente a sua resposta:

- Não vejo necessidade alguma.

Eles vão em silêncio pela viagem. Então ela sente algo que nunca experimentou. Um perfume diferente. Algo excitante. Delicioso. Ela inspira com cuidado. De repente um mundo de aromas invade suas narinas. Ela tranca o nariz. Assustada, Leona não sabe o que está acontecendo. Ela recomeça. Abre seu olfato em busca do perfume que a excitou.

Precisa filtrar, separar o que precisa da multidão de odores. Ela consegue. (São os feromônios dele. Ele está excitado com minha presença). Agora, Leona pensa no que está acontecendo com ela. Por que de repente ela vê o mundo de um jeito diferente? Ela sempre soube que a mãe tinha um olfato inumano. Algo canino. Seria genética? Mas então, o que destravou o meu escondido dom? Ela olha

para o motorista. (Meu Deus, foi ele com seu perfume excitado que acabou de despertando meu olfato).

- Desculpe, ainda não sei o seu nome.

- Meu nome é Enzo, senhora.

- Bonito nome. É de origem italiana, não é?

- Algo comum na cidade em que nasci.

- Qual cidade?

- São Paulo, senhora.

Leona repara que o perfume dele fica mais forte. Ela se arrepia e se umedece. A fragrância da excitação dele agora parece sólida com madeira e transbordante como uma fonte de água. Irresistível. (Toca seu instrumento para mim, Enzo...) ela suspira E diz:

- Senhor Enzo, pode levantar o vidro, por favor. Assim não atrapalho sua concentração na direção com minha tagarelice.

- Como quiser, senhora.

O vidro separa a cabine do motorista de Leona. O odor dele vai lentamente se desfazendo. Ela abre a janela para apressar o processo e é atingida em cheio por paisagem colorida de aromas. É como se estivesse vendo mundo sob uma nova perspectiva. Assustada, ela fecha o seu olfato. Acomoda-se e vai em silêncio até Munique.

Na volta de Munique a neve não dá trégua.
Em um tempo assim poucos se arriscam a sair
por aí de carro.

- Vamos andando para Triberg, senhor Enzo.

- Levanto o vidro, senhora?

(De modo algum).

Ela pensa no que vai falar.

- Peço que deixe ele aberto. Por algum motivo
me sinto segura, mesmo com essa neve toda,
com toda a sua proximidade possível.

Então ela sente novamente o perfume da
excitação dele. Ela pensa com malícia:

(Ele não resiste a mim).

- Como quiser, senhora.

O carro começa a se deslocar em direção a
estrada. Uma estrada praticamente deserta.

Ela pensa de novo no que vai falar.

- Agner me disse que você já foi piloto de Rali.

Tenho certeza que estou em boas mãos
mesmo com essa tempestade toda, Enzo.

- Com certeza, senhora. O carro também é
muito seguro. Além disso, ele tem pneus
especiais para neve.

Leona nunca sentiu algo parecido. Uma
lascívia e interesse imbatível no homem a sua
frente. Ela não resiste:

- Enzo, eu tenho vinte e três anos e não sou
casada. Quando estivermos a sós peço que me
chame pelo meu primeiro nome?

Enzo prende a sua respiração. (Isto foi um
convite). A estrada está deserta. Enzo diminui
a velocidade do carro. Então quando Leona

percebe, o carro está estacionado junto a um acostamento. Enzo agora se vira para Leona com um sorriso que faz o coração dela disparar, o volume do perfume dele agora parece mais denso que a pesada neve lá fora quando ele diz:

- Por uma questão de segurança não devo olhar para trás em nenhuma circunstância enquanto dirijo. Por isto parei o carro, Leona. Não quer viajar aqui ao meu lado? Você mesmo disse que se sente segura com toda a minha proximidade possível.

Leona agora tem um sorriso predatório no rosto. (Ele aceitou convite).

- Tem certeza que não vou atrapalhar sua direção?

- Absoluta. Garanto a você. Está em boas mãos.

- Então eu vou.

Ela se prepara para abrir a porta quando ele diz:

- Leona, o carro está com o aquecedor ligado. Aí fora está muito mais frio do que parece. Você vai levar um choque térmico. Por que simplesmente não pula para o banco da frente?

Ele estica os dois braços para ela e continua:

- Eu ajudo.

Ela aceita o abraço dele. Os dois riem como duas crianças pela falta de jeito e movimento desengonçado dos dois quando ela passa as pernas para o banco da frente. Ela cai, ou ela a

joga, no colo dele. Eles sentem o coração um do outro, Enzo sussurra no ouvido dela:

- Isto vai ser ótimo.

Ela aproxima sua boca na boca dele e diz completamente rendida:

- Imperdível.

Foi tudo como se os dois estivessem girando em torno de si mesmo. Uma loucura sem fim seguida de explosões incontroláveis. Quando terminam saciados e exaustos, Leona se lembra do que sua mãe lhe disse uma vez sobre seu relacionamento com Argus:

“Saiba que esta senhora de quase cinquenta anos se sente mulher ao lado dele de um jeito que você com sua idade ainda não experimentou. ”

- Escute, Enzo. Eu mudei de ideia. Nós precisamos de um banho. Vamos voltar à Munique atrás de um hotel qualquer.

Depois de uma tarde de luxúria em algum hotel barato em Munique, Enzo e Leona estão viajando em direção a Triberg. A estrada branca parece mais solitária do que nunca. Leona vai ao lado de Enzo, pensa na mãe e em

Argus. (Uma paixão que começou quando ele ainda era uma promessa de um futuro brilhante, um aluno badalado. Ela era uma pessoa sem infância e juventude, condenada à solidão). Agora ela pensa no que Enzo fez a ela. (Ele me dominou completamente, eu me rendi sem luta. Será assim entre Argus e a mãe? Será que ela sente o perfume da excitação dele?). De repente Leona se pega lamentando a história do anel. Então ela ouviu o estouro. Algo explodiu. O carro começou a girar. O carro está fora de controle. Enzo pensou por um momento. (O carro entrou em um cavalo de pau). Ele sabe o que fazer. Ele começa lentamente a desacelerar o carro enquanto joga o volante para o lado de dentro da curva, mas ele sabe que com a neve na estrada fica muito mais difícil de recuperar o controle do carro. O carro vai girando em um movimento que parece não querer parar nunca. Leona se agarra ao cinto de segurança. Aos poucos o giro vai ficando mais lento, até que o carro para em segurança. Leona está atônita. Lentamente ela recupera sua mente. Quando ela sai do carro, Enzo já está do lado de fora, observando o pneu estourado.

- O que aconteceu?

Ele aponta para o pneu da frente do carro, no lado esquerdo:

- O pneu da frente explodiu, o carro entrou em um movimento conhecido como “cavalo de pau”.

Depois de alguns segundos, Leona diz a Enzo:

- Você conseguiu controlar o carro, Enzo.
- Uma regra básica de um Rali. Se o carro entrar em um cavalo de pau deve-se reduzir lentamente a velocidade, com o volante esterçado para o lado de dentro da curva.
- Se fosse eu, a primeira coisa que faria seria pisar no freio com toda a força.
- É o que todo o nosso instinto grita para fazermos. Neste caso, o carro sai do “cavalo de pau” e capota várias vezes de lado. A morte é quase sempre certa.

Ela olha para Enzo, admirada.

- Você está bem, Leona?
- Graças a você. Nunca me deixe sair sem levá-lo comigo.

Ele suspira:

- Agora vem a pior parte.
- Como assim, Enzo?
- Trocar o pneu. Detesto isto.

Ela olha com um sorriso para Enzo, aponta a roda em diz:

- Mãos à obra.

Assim que Enzo termina seu serviço e coloca um novo pneu no carro, Leona se apressa.

- Vamos embora, Enzo.

Dentro do carro ela diz concentrada ao seu motorista:

- Senhor Enzo, espero que esta nossa tarde de loucuras única fique só entre nós. Não quero perder um motorista tão competente, fico imaginando o que seria de mim sem sua

habilidade ao volante naquela manobra salvadora.

Enzo não fala nada. O garotão entendeu o recado.

Capítulo 6

A manhã em Triberg é tipicamente alemã. A neve cai rasa, em pequenos flocos. De tão leves, quase são levadas pela brisa gelada. Cibeli pergunta a uma cada vez mais soturna Agner enquanto se prepara para o velório de Hans:

- Então? Algum parente de Hans entrou em contato?

- Não senhora, nenhum parente.

Cibeli suspira. Agner continua:

- Isto já era de se esperar, senhora. Nunca ninguém entrou em contato com ele nestes anos todos. Continuo anunciando na coluna de óbitos dos jornais?

- Durante mais sete dias, Agner.

- Sim senhora.

- Mas eu já decidi. Vou enterrá-lo aqui mesmo na casa de campo, não acredito que alguém vai aparecer para reclamar o corpo. Vamos preparar a capela para mais um túmulo. O velório será na sala de visitas.

Agner diz olhando para o nada:

- Muito bom, senhora. Esta casa pertence a suas lendas e Hans agora é uma delas.

O corpo de Hans descansa na sala de visitas, agora improvisada como velório. Somente os

empregados da casa de campo, Cibeli e família foram convidados. A única exceção é o delegado Muller, amigo de longa data de Hans. Cristóvão, Rodney e Enzo estão em um respeitoso silêncio. Agner está sentada em uma das poltronas do ambiente. Ela passa mal quando a cerimônia silenciosa começa. É socorrida e logo diz que está bem. Após alguns minutos Grace pede a palavra, ela tem os olhos vermelhos quando começa:

- Quando cheguei à Alemanha eu fui recebida por Hans aqui na casa de campo. Ele me apresentou a Agner, Luana e Jeremy. Clarinha e Natascha ainda não estavam entre nós. Era tudo novo para mim, tudo estranho, tão diferente do Brasil. Fiquei surpresa quando começamos a conversar em português. Eu pensei: "A típica eficiência alemã." Depois eu descobri nele um homem doce e tranquilo. Quem diria? Ele já foi uma lenda entre os marginais mais perigosos, agora é uma lenda de nossa família e da casa de campo.

Depois das palavras de Grace o silêncio do luto está de volta na sala de visitas. O delegado tem uma postura respeitosa. Ninguém fala nada sobre o anel com Argus ou sobre como Hans e Sílvia foram assassinados, ou quem pode ter cometido o crime. Todos reparam como a filha de Cibeli parece abatida. Pálida. Leona abraça a mãe e

se coloca ao lado dela. Cibeli olha para o caixão aberto:

- Acho que estão todos presentes, hora de Hans partir para seu túmulo. Alguém quer dar uma última palavra?

Uma concentrada Clarinha diz a senhora Gatti.

- Vamos pegar quem fez isto a ele e sua prima, senhora Gatti?

- Eu prometo. (A dama dos perfumes vai usar todo o seu poder para achar o assassino). Então ela escuta Grace dizer ao corpo no caixão:

-Seja lá quem for o assassino, nós vamos pegá-lo, Hans.

Cibeli se entristece quando escuta aquilo. Ela agora entende que para todos ali na casa de campo Argus é um dos suspeitos pelo crime, se não o principal. Ela diz olhando para Grace:

-Eu prometo a vocês que o criminoso vai pagar por seu ato, seja lá quem ele for.

Júnior, Jeremy, Rodney e o delegado Muller levam o caixão até a capela da casa de campo. Enquanto o corpo desce ao túmulo, as moças têm um choro contido, quase mudo. Cibeli tem os olhos aguados, então ela se lembra de quando o contratou:

“Eu vou dizer a senhora: A senhora pode até achar um segurança melhor do que eu, mas duvido que consiga um mais dedicado.”

Ela diz a si mesma:

- Você estava errado, Hans. Eu nunca vou achar um segurança melhor do que você.

Cibeli não dormiu a noite. (Sem Argus ao meu lado o sono é sempre difícil). Hoje pela manhã, enquanto ela se prepara para revê-lo, Cibeli pensa em qual vai ser a reação de Argus quando ela lhe contar que Hans e Sílvia foram assassinados. E principalmente qual será sua reação quando entender que ele é o principal suspeito. (Será melhor se ele me contar sobre o furto. Ele precisa saber que pode confiar em mim, mas se não falar nada vou ter que confrontá-lo sobre o assunto).

Na delegacia de Triberg, Cibeli é recebida pelo escrivão Gerard. O homem puxa uma cadeira e pede para Cibeli se sentar à frente dele, ela tem pressa.

- Bom dia, senhora.

- Bom dia, onde está o senhor Muller?

- Ele está em trabalho de campo. O prisioneiro está sendo levado para a sala de

reunião da delegacia. Tem certeza que não quer a companhia de um guarda? Seria prudente a senhora não ficar sozinha com ele.

- Estou absolutamente segura ao lado do meu noivo.

Gerard suspira.

- Como já deve saber, a sala é a prova de som. Agora devo passar algumas orientações, regras a serem seguidas nestes encontros...

O escrivão segue falando para uma desinteressada Cibeli. Tudo que ela quer é abraçar Argus, dizer que está com ele, ao lado dele. Quando o escrivão termina, ela se levanta para ver seu noivo e pergunta:

- Ele já sabe o que aconteceu com o meu segurança e minha prima?

- Não sabe. Ninguém contou nada para ele aqui na delegacia.

Cibeli esfrega os olhos em um sinal de cansaço (Então ele não sabe. Nós saímos direto do Hotel em Hamburgo e não sabíamos ainda do crime, se ninguém na delegacia contou então eu mesma vou ter que dar a terrível notícia a ele, e ainda por cima dizer a Argus que ele é o principal suspeito pelo assassinato).

- Vamos senhora, eu vou conduzi-la à sala de reuniões.

Os dois estão cara a cara. Ela se joga nos braços dele. Por um longo tempo eles ficaram apenas abraçados.

- Argus, saiba que eu contratei a melhor equipe de Advogados criminais da Europa. Ele tem uma expressão séria para ela:

- Acha que vai ser preciso? Eu sou inocente. Eu jamais faria mal a Hans e sua prima. Isto tudo vai ser esclarecido. Só lamento não poder estar ao seu lado em um momento tão terrível? Eu, mesmo aqui preso, me senti como se estivesse vivendo seu sofrimento. Por um momento Cibeli se perde. O choque com o que ouviu a paralisou. Aos poucos vai se perguntando como Argus sabia da morte dos dois. (Como você pode saber, Argus?) Ela respira com calma, (O delegado não contou a você. Você não recebeu nenhuma visita. Nós dois não sabíamos do crime quando você foi preso. Tenho que esclarecer esta História com o delegado Muller).

-Como sabe disso, Argus?

Por um instante Argus parece vacilar.

- Isto o que?

- A trágica morte de Hans e minha prima.

- Tomei conhecimento aqui na delegacia.

Cibeli fica mais atônita ainda. Ela sente que agora o melhor é ficar calada sobre o assunto até colocar as ideias em ordem. Depois de um momento de um silêncio perturbado, ela diz a ele com lágrimas nos olhos:

- Não sei o que foi pior, dar a notícia à minha tia sobre a morte de sua filha ou assistir Hans sendo enterrado. Uma vez ele me disse que eu poderia achar um segurança melhor que ele, mas nunca um mais dedicado. Enquanto ele descia para seu túmulo eu disse a ele: Você estava errado, Hans. Eu nunca vou achar um segurança melhor do que você.

Agora Cibelli continua olhando firme para Argus:

- Quero que saiba que não fiquei abalada quando soube que a joia estava com você. Entendo perfeitamente por que fez aquilo. Agora é Argus quem fica em silêncio por alguns segundos e diz:

- Não passou pela sua cabeça, que eu não roubei o anel?

Mais um silêncio estranho entre os dois. Então Cibeli pergunta:

- Mas então como o anel foi parar em seu quarto?

- Alguém colocou ele lá.

- Para que?

- Para prejudicar nosso casamento.

- E quem seria?

Argus se cala. Como colocar os filhos de Cibeli como os maiores interessados no fim do noivado? Argus resolve ficar em silêncio. Cibeli se lembra de Natascha:

“ - Acha que deve contar a Cibeli sobre o furto de Argus?

- Eu dei a Argus um tempo para ele mesmo contar a ela. Todo mundo pode errar um dia. Será melhor ela saber por ele. ”

(Por que negar algo tão óbvio se eu mesma já disse que compreende perfeitamente o furto do anel. E ele ainda insinua que meus filhos podem ser culpados).

Cibeli continua, agora irritada com as contradições de Argus:

- Já sei, está pensando em como Leona colocou o anel lá, ou seria Júnior? Quem sabe os dois? Meus filhos formam uma verdadeira quadrilha, não é? Para você, eles não teriam o mínimo problema de consciência em praticar um ato tão torpe. Agora me explique como eles teriam acesso a aquele anel para colocá-lo lá?

Argus continua calado. Cibeli pensa se é hora de confrontá-lo com o que sabe sobre o que ouviu de Luana e Natascha. (Agora não. Não na minha primeira visita a ele). Ela se abraça a ele novamente, muda de assunto:

- Escute Argus, tem sido dias terríveis para mim também. Você está preso pelo anel. O velório de Hans. A notícia da morte de Sílvia que tive que dar à mãe dela, ter que ouvir dos outros que você é o principal suspeito pela morte deles...

Ele suspira cansado, ela continua:

- Como disse você terá os melhores advogados a sua disposição, trabalhando só

para você. A primeira regra que eles já me passaram é que você não vai dar uma palavra, nem mesmo uma sílaba sem a presença deles. Cibeli se desfaz do abraço e se prepara para ir embora, mas antes diz a ele em um tom quase de desafio:

- Não se esqueça disto, Argus: Eu estou do seu lado. Nunca minta para mim.
Os dois saem da sala de reunião. Cibeli assiste o policial conduzir Argus de volta à sua cela.

Na recepção da pequena delegacia, Cibeli vê Gerard, ela pensa se deve perguntar ao escrivão se eles contaram a Argus sobre o assassinato do casal. Então ela desiste da ideia. Cibeli sabe que esta simples pergunta de como Argus sabe da morte de Hans pode ser como entregar o ouro ao bandido. (Não de uma palavra sem os advogados juntos a ti, Argus). Cibeli para pôr segundos enquanto pensa concentrada. (Por que não me conta sobre o anel, Argus? E como sabe da morte de Hans e Sílvia?)

- Algum problema, senhora Gatti?
- Não senhor Gerard, eu só estava aqui pensando.
- Algo em que eu posso ajudá-la?
- Não, obrigado. Nada de mais. Eu já vou. Eu já contei a meu noivo sobre a morte de meu segurança e minha prima. Agora ele já sabe.

Na segunda feira pela manhã, de volta a delegacia, o delegado Muller vai até a cela de Argus:

- Então Cibeli te contou. Agora você sabe sobre Hans e Sílvia. Como se sente? Você não parece muito abalado.

Argus se lembra da instrução de Cibeli, nem uma palavra! Ele fica em silêncio. Por um momento, sem entender o porquê, agora o delegado se solidariza com seu prisioneiro:

- Era o seu primeiro aniversário livre depois de passar a vida adulta toda na prisão. Argus, às vezes eu até torço para que seja inocente. A vida não é nada fácil para alguns.

O delegado deixa um Argus em silêncio, dentro de sua cela, olhando pela janela para um mundo que fica cada vez mais longe de sua realidade e cada vez mais hostil.

Capítulo 7

Já no Rio de Janeiro para o velório da prima, no início foi visível a falta que Leona fez. Isabeli também não pode vir. Está vivendo seus últimos dias. Depois a dor superou qualquer ausência. A neta de Isabeli, estava presente com a mãe Francieli. Juntas com Cibeli eles assistiram consternadas quando Avelinne quase tirou a filha do caixão em um abraço desesperado ao lado do marido claramente acabado. Cibeli foi escalada para falar algo sobre a prima. Como se fosse possível algum consolo com palavras. Com uma emocionada tristeza ela se recorda daquele dia no Jardim Botânico:

“Você promete que vai me levar para trabalhar contigo quando virar a poderosa dama dos perfumes? Afinal eu vou ser química.”

Cibeli limpa os olhos:

- Quando tinha dezenove anos você era quase uma desconhecida para mim, mas eu te chamei de minha melhor amiga. Nós duas andamos por estes anos todos como duas amigas de mãos dadas até que alguém tirou você de mim.

Cibeli se esquece de todos ao seu redor quando continua olhando para o corpo da

prima, agora tem olhos determinados, ela não chora mais:

- Eu prometo a você, prima. Eu vou pegar quem tirou você de mim. Você sabe como ninguém que eu sempre cumpro minhas promessas.

No fim do velório, Avelline passou mal e foi levada às pressas ao hospital. O pai de Sílvia, um homem agora visivelmente abalado, vai até Cibeli:

- Eu estou acompanhando o caso através do consulado brasileiro em Munique. Fiquei surpreso quando soube que você contratou os melhores advogados da Europa para defender o assassino. Ainda bem que Avelinne não sabe disso ainda.

Cibeli trava. Não sabe o que dizer com o que ouve, o homem continua cada vez mais agitado:

- Pretende mesmo manter um relacionamento amoroso com o homem que matou sua prima? Surpresa, Cibeli olha abatida e vencida para o senhor a sua frente e diz:

- Não foi ele.

- Como sabe disto?

- Ele não faria isto.

O homem continua, agora parece mais nervoso ainda:

- Como disse, estou acompanhando o caso. O furto do anel antes dele voltar ao Brasil de mãos vazias. O anel escondido em seu quarto. A aposta de todos que estão envolvidos no caso é que ele foi descoberto por Hans. O assassino matou o segurança para não correr riscos de perder um casamento milionário, ou seria bilionário? Minha filha estava lá e morreu para não testemunhar o fato. O que mais seria? Qual a sua teoria?

- Ele não faria isto.

Agora o homem levanta a voz de maneira agressiva para Cibeli. Quase um grito:

- Porra, Cibeli! Um ex- presidiário condenado por assassinato! Um homem que conviveu a vida toda com todo tipo de marginal. Pelo amor de Deus! Que merda é esta?

Todos no velório se voltam para a cena.

- Não é hora de conversarmos sobre isto.

Agora ele grita abertamente para Cibeli:

- Foda-se! É minha filha quem está ali naquele caixão! Estou pouco ligando para a hora certa. A mulher que quer livrar o assassino da minha filha está bem na minha frente! Acabou de fazer um discurso que vai pegar o maldito que nos tirou a filha com um assassinato frio e brutal e na verdade vai fazer exatamente o contrário. Você sempre foi esquisita! Uma jovem que é fruto de um lar doente. Agora entendo: Abandonada pela mãe. Depois abandona o pai. Agora abandona a prima em troca de um vagabundo! Não

consegue mesmo arranjar nada melhor com toda a porra de seu dinheiro de merda! Todo o salão assiste em um pesado e constrangido silêncio o escândalo do homem descontrolado. Ele pega o braço de Cibeli e mostra o corpo de Sílvia no caixão:

-Veja sua prima. Aprenda algo com ela. Não tem bolso na roupa que cobre o corpo morto de minha filha. Sabe por que? Por que desta vida não se leva nada de material e tudo que fica é o amor, e o afeto e a saudade. Quando chegar a sua hora quem vai chorar por você? Seu pai que você abandonou? Sua mãe que te largou? Sua prima morta? Ou um frio assassino que tirou a vida de minha filha? Cibeli fica muda. Ele involuntariamente machuca o braço dela. Agora ele se acalma, se solta dela.

- Aturei a sua presença aqui em nome do seu passado com minha filha. Agora saiba que, diante da sua escolha em proteger o assassino dela, você não é mais bem-vinda. Vá embora, por favor. Não quero você por perto quando levar o corpo de minha Sílvia para o túmulo. O silêncio no salão do velório com a cena fica pesado. Uma tristeza infinita toma conta de Cibeli. Ela dá uma última olhada na prima. (Adeus, prima). Antes de ir embora Cibeli diz ao homem:

-Eu vou colocar o assassino na cadeia, seja lá quem ele for.

Por um momento Cibeli se pergunta: (E se Argus fosse culpado?)

TRIBERG

Cibeli

Na casa de campo, a reunião entre Cibeli e os advogados de Argus está no fim.

- Um álibi seria importante. Veja se algum de seus empregados pode confirmar que Argus passou a manhã toda na casa de campo.

- Um momento.

Cibeli chama Agner. Logo a governanta está junto a eles.

- Agner, naquela manhã que fui até Hamburgo visitar meus filhos, aquela mesma manhã em que Hans foi morto. Pode me dizer se Argus ficou por aqui pela casa de campo?

- Na verdade ele se ausentou, senhora.

Cibeli pergunta alerta:

- A que hora e por quanto tempo?

- De dez da manhã ao meio dia.

O advogado pergunta a Agner:

- Sabe para onde ele foi?

- Eu não sei dizer, senhor. Ele apenas disse que ia fazer uma caminhada.

Assim que a governanta se retira, o advogado diz a Cibeli.

- Uma longa caminhada de duas horas. De carro seria tempo suficiente para ir até Triberg, cometer o crime e voltar a casa de campo. Isto é má notícia, senhora. Foi entre estes horários que ocorreu o assassinato. Cibeli não fala nada, continua olhando pela janela para o nada.

- Senhora Gatti, tem algo intrigante. Não resta dúvidas que o senhor Argus furtou o anel. Então por que negar o ato? Pode ser por que confessar o roubo é mais um passo em direção a morte do casal. Na verdade, até agora, ele é o único com motivos para o crime, Senhora. Agora uma questão importante. Como a senhora disse, nós somos os melhores advogados que o dinheiro pode contratar na Europa. Se ele for culpado pela morte do casal, a senhora vai continuar bancando nossas despesas para libertá-lo? Cibeli se lembra do que disse ao pai de Sílvia, ao lado do túmulo dela.

“ Tenha certeza que vou colocar o assassino na cadeia, seja lá quem ele for. ”

- Se eu realmente descobrir que meu noivo assassinou o casal, eu pago ao seu escritório de advocacia pelo trabalho e os dispenso da defesa dele. Não vou ficar ao lado de um assassino.

Capítulo 8

O delegado Muller e seu assistente acabam de ver as últimas imagens das câmaras de frente da casa dos empregados. Nenhuma pessoa estranha entrou na casa desde o roubo do anel. Nem mesmo nenhum ato suspeito. Tudo na mais perfeita rotina. Muller conclui que tudo é uma perda de tempo. Argus, um ex-presidiário, um homem que passou a vida adulta inteira trancado, só não foi preso no furto do anel porque a joia não estava com ele. Agora está. Ponto final.

O delegado vai até a cela de Argus:

- Estou encerrando a investigação. Eu vou o indiciar pelo roubo do anel, Argus. Agora é com seus advogados.

No dia seguinte Cibeli recebe um telefonema de Muller.

- Bom dia, senhora Gatti.

- Bom dia para o senhor também, delegado.

Alguma novidade?

- Nós analisamos as imagens das câmeras que ficam em frente à casa dos empregados.

Desde o desaparecimento do anel até a morte de Hans nenhuma pessoa estranha entrou no estabelecimento.

Cibeli não se sente bem. O delegado continua:

- Nós o estamos indiciando pelo furto. Ele fica aqui preso até o juiz determinar se ele tem direito a uma fiança. A senhora sabe quais são os dias de visitas.

- Claro, senhor Muller.

- Eu tenho mais uma pergunta para a senhora.

- Pois não!

- Sabe onde Argus estava durante o crime? Ela pensa no que vai falar.

- Não sei, eu estava em Hamburgo com meus filhos.

Quando desliga o telefone Cibeli leva a palma de sua mão direita até sua testa. Um gesto de puro cansaço. (No vídeo ele está praticamente ao lado do anel quando ele sumiu. Agora o anel aparece com ele. Para piorar tudo ficou claro que Hans sabia do furto. Na minha próxima visita eu vou ter uma conversa séria com Argus).

Por um momento ela se lembra novamente, ele andando pelo corredor da delegacia que leva às celas, escoltado pelo policial. Cibeli sente novamente o mal-estar. Algo como uma leve tontura. Ela sabe que seu está próximo de seu limite.

O dia está claro, mas tem algo de melancólico nele. É manhã de domingo. Cibeli não dormiu bem. Ela se levanta e olha para o espelho a

sua frente. Tudo fica cada vez mais complicado e comprometedor para Argus. Os testemunhos de Luana e Natascha não deixam mais dúvidas, Hans e Sílvia sabiam do roubo do anel por Argus. Depois a constatação de que nenhum estranho entrou na casa dos empregados desde o furto do anel. (Quem colocaria o anel em seu quarto? E por que? Não tem sentido. Negar o furto só complica tudo. Segundo o delegado e os advogados, que eu mesmo escolhi a dedo, só Argus tem o motivo para o crime contra Hans e Sílvia). Então agora vem a revelação mais recente. A que ela acaba de descobrir. No dia do assassinato Argus não deu nenhuma caminhada. O filme da câmera na garagem mostra ele pegando um dos automóveis da casa às dez horas e voltando no mesmo carro por volta de meio-dia. O tempo suficiente para fazer muitas coisas, inclusive cometer o crime contra o casal. Hoje é domingo, dia de visitas (Precisamos esclarecer isso tudo, Argus).

Na porta da delegacia Cibeli repara em algo. Finalmente eles chegaram. Os abutres não demoraram muito a sentir o cheiro do corpo perto da morte. O “Voguel” com seu slogan “Um passarinho me contou” é o mais

sensacionalista de todos. Logo um jornalista do tabloide repórter a cercou:

- Vai ficar até o fim ao lado de seu noivo?

Mesmo que no fim descubra que ele é o assassino?

Mais uma repórter de aproxima:

- Como a senhora vê a declaração do pai da de uma das vítimas de que criminosos saem pior do que entram nos presídios brasileiros? Cibeli está irritada, cercada de microfones e gravadores digitais. Não fala nada. Seu motorista Enzo e Rodney como seu segurança provisório agora fazem o que podem para afastar os repórteres de Cibeli. Finalmente ela chega até a porta da delegacia. Um furioso Muller avisa aos abutres.

- Nem pensem em passar por esta porta!

Em paz dentro da delegacia, agora Cibeli se acalma.

- Sinto muito, Senhora Gatti. Parece que a senhora agora vai ter que se acostumar com isto. A senhora é uma figura pública. O tema é explosivo: Uma poderosa empresária, um caso com um motorista ex-presidiário. Um crime que pode ser motivado por esta relação. Isto vende jornais.

Cibeli lamenta: (A atração do circo está de volta depois de tanto tempo).

- Uma situação lamentável. Meu noivo já está à minha disposição, senhor Muller?

Gerard vai levá-lo até a sala de reunião. Lá a senhora ficará à vontade com ele.

- Obrigado, senhor Muller.
Cibeli sabe que precisa de uma conversa decisiva com Argus. (Ele tem que me contar onde esteve no domingo pela manhã).

Os dois estão frente na sala de reunião da delegacia, Cibeli ainda está irritada com os repórteres lá fora:

- Me senti como uma atração de circo, novamente. Minha vida em um pasquim, um tabloide desqualificado.

Argus não fala nada. Ele percebe a irritação de Cibeli. Desta vez não houve abraços.

- Sente-se por favor, Argus. Precisamos conversar.

Argus se senta em frente a ela. Cibeli continua de pé quando diz:

- Argus, onde esteve na manhã em que Hans e Sílvia foram mortos?

Durante alguns segundos Argus não fala nada. Ele se levanta. Caminha até a pequena janela da sala de reunião como se estivesse pensando algo. Então ele se vira para Cibeli:

- Foi uma história muito estranha. Algo que estava decidido a não contar a você.

- O que aconteceu?

- Naquele dia, um pouco antes das dez horas, eu recebi um telefonema.

- De quem?

- De seu pai.

Cibeli fica em silêncio. Não faz nenhum gesto. Não tem qualquer expressão no rosto. Argus continua:

- Ele disse que estava em Triberg. Queria que eu o ajudasse a agendar um encontro contigo. Pedir o seu perdão.

Argus repara que a notícia não deixa Cibeli abalada.

- Como sabe que era ele. Tantos anos assim e você o reconheceu apenas pela voz? Vocês só tiveram um encontro naquela tarde há vinte e sete anos. Impossível. Podia ser um trote qualquer.

- Ele me pediu desculpas pelo tapa, disse que mereceu aquele vaso quebrado em sua testa naquele seu estado de fúria. Entendeu sua reação descontrolada. Daquele tapa e de sua reação furiosa com o vaso só nós dois e seu pai sabíamos disto. Isto me deu a certeza que era ele. Além disso, ele se disse arrependido por te chamar sempre de mercadoria com defeito.

Cibeli pensa por alguns segundos e com uma voz estranha diz a Argus:

- Claro, do vaso quebrado, da minha reação furiosa e de suas ofensas como "mercadoria com defeito" só nós três sabíamos.

- Não falei a ninguém sobre o encontro com ele. Queria ter certeza do que se tratava. Não queria que você se envolvesse até tudo estar esclarecido. Ele me disse onde estava. Eu fui até lá. Quando cheguei não havia ninguém.

Depois de um curto silêncio, Cibeli diz gelada:

- Justamente na manhã em que Hans e Sílvia foram mortos, você me aparece com uma história sem pé nem cabeça dessas. Por que não me contou antes?

- Se eu soubesse que sua reação ia ser tão tranquila como está sendo agora eu teria contado, mas na hora imaginei que a possibilidade de um encontro com seu pai a abalar emocionalmente. Nós dois sabemos de sua história.

- De modo algum eu me abalaria se você me contasse, até porque o meu pai já está morto a meses. Devia ter me falado sobre este suposto encontro, assim como devia ter me contado sobre o anel.

Argus fica mudo, Cibeli continua:

- Eu mandei Hans investigá-lo quando soube que ele o mandou para a prisão. Precisava fazer algo para ele pagar o preço por ter roubado o seu futuro. Então, alguns dias depois, Hans me informou que ele estava morto desde o início do ano.

Depois de mais alguns segundos de um silêncio acusador de Cibeli, ela continuou:

- Mas é verdade, Argus. Só nós dois e ele sabíamos do vaso, do tapa e de suas ofensas. Ele já morreu. Eu não ligaria para você com voz de homem para falar uma bobagem dessa, então ninguém ligou, Argus. Você mentiu.

Argus continua em silêncio, tem um olhar perdido.

-Argus, eu fui expulsa do velório de minha prima. Sabe por que?

Ele continua calado. Cibeli continua:

- Eu fui acusada aos gritos de trabalhar para deixar o assassino de minha prima livre. Foi bem no meio do velório. Não consegui dar um último adeus a minha prima e melhor amiga por estar ao seu lado nesta briga. Onde estive na manhã em que Hans e minha prima foram mortos?

Ele fica em silêncio. Ela continua:

- Por que não me contou que furtou o anel?

Ele não fala nada. Ela continua, agora irritada e implacável:

- Hans sabia do furto. Foi por isto que ele morreu?

Argus continua com aquele olhar perdido.

- O que está acontecendo, Argus? Não se cale. Não faça isto comigo.

-Você me chamou de mentiroso, Cibeli. Vá embora.

Ela vai embora.

Na recepção da delegacia, Cibeli encontra o Delegado Muller. Ele está de volta ao seu local de trabalho.

- Senhora Gatti. Eu providenciei um táxi. Ele te espera junto a uma porta dos fundos da

delegacia. Se quiser pode ir para casa no taxi. Seu motorista já está ciente disto. Ele vai ficar como que lhe aguardando, enquanto a senhora vai para sua casa sem passar o incômodo de ser abordada por jornalistas. Uma visivelmente abatida e irritada Cibeli agradece.

- Antes tenho algo a lhe mostrar.

Abalada, uma obediente Cibeli acata o pedido do delegado. Senta-se na frente da mesa dele. Ele vira seu Notebook para ela. É um vídeo da recepção do prédio onde Sílvia passa suas férias, o prédio da perfumaria para hóspedes da Perfumaria Gatti. O delegado continua:

- Uma portaria sem porteiro, mas como uma câmara de vigilância.

Então Cibeli vê Argus entrando no prédio onde o casal estava. Alguns minutos depois, Argus sai apressado.

- Foi um pouco antes das dez horas como mostra o relógio no vídeo. Horário do assassinato do casal.

Agora Cibeli tem lágrimas nos olhos e um sorriso amargo, (Você me feriu de morte, Argus), ela pensa abalada. Cibeli se lembra da pergunta da repórter:

“Como a senhora vê, a declaração do pai de uma das vítimas de que criminosos saem pior do que entram nos presídios brasileiros?”

Então ela fala com tristeza:

- No que você se transformou, Argus?

- Senhora Gatti, sinto muito, mas preciso informá-la que se a senhora estiver encobrindo ou omitindo informações que levem ao assassino do casal, isto é crime gravíssimo na Alemanha. Levando em consideração seus sentimentos por seu noivo, eu vou dar a senhora, neste momento, uma oportunidade de nos contar tudo o que sabe o caso sem envolvê-la judicialmente. Entendo perfeitamente seu anseio por Argus. Ele ficou preso por um longo tempo, segundo Hans por um crime que ele não cometeu, mas agora para mim tudo está bem claro: ele furtou a joia, Hans descobriu e deu um prazo para ele contar a senhora. Na véspera do casamento ele vai até o apartamento do casal, pega Hans desprevenido, já que sua segurança, como a senhora, acreditava na boa índole do criminoso. Depois acaba seu serviço eliminando a testemunha, sua prima. Agora não me importa seu passado de vítima ou não. Ele roubou uma joia e matou um casal. Este casal e a sua família merecem e precisam de justiça.

Cibeli suspira. Abalada. Ela diz ao delegado:

- Eu tenho um vídeo onde ele aparece pegando um carro na garagem da casa de campo às nove horas da manhã e voltando às onze horas. Ele mentiu. (Como mentiu sobre meu pai e o anel). Disse para Agner que ia sair para uma longa caminhada.

Delegado ouve, Cibeli continua:

- Hans sabia sobre o furto de Argus, sabia sobre o anel. Minha governanta vai dar os detalhes ao senhor.

-Então, mais do que nunca, Argus tinha razões para cometer o crime. Mais algum dado relevante para o caso, senhora?

- Em minha primeira visita a ele, eu não contei a Argus sobre o brutal assassinato, mesmo assim ele sabia.

O delegado suspira, e diz:

- Então ele sabia do crime. Isto porque praticou o crime.

- Obrigado, senhora Gatti. Os testemunhos, inclusive os da senhora, mais o vídeo dele no Hall de entrada no prédio é mais do que o suficiente para indiciar o senhor Argus pela morte do casal, além de encerrar definitivamente o caso do furto do anel. Mais uma semana de depoimentos e testemunhos de seus empregados, então logo Argus estará de volta para prisão, de onde não devia ter saído, muito provavelmente até a sua morte. O táxi à espera atrás da delegacia.

No caminho para a casa de campo, Cibeli pensa em todas as consequências dolorosas causadas pelo crime de Argus. Os filhos expostos. A desconfiança na cidade com os outros empregados ex-presidiários. O

sofrimento dos pais de Sílvia, ela como atração de circo.

Durante a semana toda, Cibeli ficou em seu quarto. Só chegava até a porta para receber suas refeições. Os empregados da casa de campo se esforçaram para manter tudo em uma rotina mais parecida possível com a normalidade. Leona exigiu que a mãe mantivesse a porta aberta para qualquer eventualidade. Um dia, para surpresa de todos, Cibeli apareceu na copa da casa de campo para seu café da manhã. Ela disse aos empregados:

- Hoje é domingo. Vou fazer minha última visita a Argus.

Argus aguarda em pé na sala de reunião da delegacia quando Cibeli chega. Ela diz olhando para direto nos olhos dele:

- Não precisa se sentar, Argus. Vou ser rápida, direta e muito franca com você. Tenho motivos, mais do que motivos, tenho fatos que demonstram que você matou Hans e minha prima. Estou retirando meus advogados do caso. Boa sorte. Ela dá as costas a ele, quando se prepara para sair Cibeli diz:

- Antes que vá embora, preciso te dizer algo.

Algo que prometi a Hans.

Ela para, fica de costas para ele. Ele continua:

- Quando você me convidou para ser seu "garoto de programa" em troca de um apartamento, eu me decidi. Melhor ficar com as lembranças daquela minha "Loba Cinzenta" da praia do Leme. Lembranças daquele verão que foi meu último verão como um homem livre.

Agora ela se vira para ele:

- Parece que não foi degradante assim, você acabou ficando do meu lado, aceitou meu convite para ser meu motorista e me servir como homem sempre que eu o quisesse.

- Aí entra minha dívida com Hans. Estava pronto para deixar a casa de campo. Como disse a você uma vez, tudo que tenho é minha dignidade, dela não abro mão. Então Hans me contou tudo. Me contou de como e por que você o contratou. Me contou que cada um dos empregados, inclusive ele, estavam na casa de campo graças a um plano seu de me resgatar quando saísse da prisão. Ele me disse:

"A moderna casa construída para nosso conforto, nossos empregos, nosso lar. Tudo isto só existe porque você é muito mais importante para Cibeli do que possa imaginar".

Cibeli luta contra as lágrimas Ele continua:

- Eu só fiquei, apenas isto. Tinha que dar mais uma chance para nós dois.

Ela consegue dizer:

- Hans jamais contaria um segredo meu a você.

- Então você me chama de mentiroso novamente. Ele fez isto porque acreditava que eu era o melhor para você. Acreditava que você me amava, mas se duvida da minha palavra você pode perguntar a Luana. Ela presenciou, sem querer, o fim de uma conversa sobre isto com Hans no escritório dele.

Cibeli se lembra de Luana contando a ela:

Ela não fala nada. Ele continua:

- Pronto, minha única dívida com Hans está paga. Pode ir agora.

- É minha última visita, Argus. Não vamos nos ver mais. Aquele príncipe da imensidão azul morreu naquele presídio. O homem à minha frente agora é um criminoso que rouba e mata.

- Ótimo. Não apareça mais. Você me chamou de mentiroso duas vezes e agora me chama de ladrão e assassino.

Cibeli agora se lembra do vídeo em que Argus entra e sai do prédio de Sílvia na hora do crime. Lembra da promessa que fez ao pai de Sílvia em meio a aquela cena deprimente no velório da prima:

- Isto mesmo, criminoso. E quando retiro meus advogados, eu o estou publicamente te

chamando de assassino. Fico pensando em como você ainda diz que se sente bem quando olha no espelho. Me explique:

- Não espero que entenda. Eu tive pai e mãe. Você não.

- Então no fim você é como seu pai. Ele também me chamou de assassino quando ligou para a juíza que me condenou por um crime que não cometi. Exatamente como você está fazendo agora. Fico imaginando como vai se sentir quando descobrir que sou inocente. Lamento que pense que fui eu quem tirou a vida deles.

- Não se lamente, Argus. Passar seus últimos dias em uma prisão alemã é muito melhor do que mendigar pelo Brasil. Na verdade, agora aquela é a sua terra prometida, uma penitenciária. Eu prometo, Argus. Eu vou te colocar na prisão. E você sabe, eu sempre cumpro as minhas promessas.

- Então não se esqueça desta sua promessa, senhora Dama dos Perfumes: Apenas que seja esta a sua última visita, como disse. Tudo que vejo em você agora é tudo que eu lamento em minha história. Lamento o dia em que me chamou para Triberg, lamento o dia em que escutei Hans e não fui embora, lamento o dia em que te aceitei depois que você desmanchou com Dacnar e lamento, acima de tudo, o dia em que te achei na praia do Leme. E você sabe, eu detesto ficar me lamentando.

Agora, preocupado com as imagens pelo vidro que separa a sala de reunião do resto da delegacia do diálogo francamente hostil entre Argus e Cibeli, o delegado Muller diz pelo interfone que vai entrar na sala de reunião.

Ele entra e caminha lentamente em direção a Argus e diz a ele ao lado de Cibeli:

- Muita mais rápido do que eu imaginava, eu já tenho os elementos para responsabilizá-lo pela morte de Hans e sua noiva. Eu vou dizer algo a você. Hans já foi um criminoso.

Quando morreu não era mais. Era um homem bom, dedicado ao trabalho e apaixonado por sua noiva. Ele gostava de você.

Argus não fala nada. O delegado continua:

- Seu noivado acabou, não é?

Argus continua em silêncio. Cibeli fala por ele:

- Acabou.

O delegado se vira para Argus e diz ao lado de Cibeli.

- Saiba que no fim, boa parte das provas contra você foi sua ex-noiva quem forneceu. Você vai ter o que merece. Vai passar o resto de sua vida em uma cela, algo de onde você nunca devia ter saído para cometer seus crimes.

Argus continua em silêncio, dando as costas aos dois. O delegado termina. Antes de sair da delegacia Cibeli diz a Argus:

- Quem diria? Você quase me enganou, Argus.

Assim que chega a casa de campo, Cibeli aparece decidida:

- Agner, ligue para os meus advogados. Diga a eles que não vão mais representar meu ex-noivo.

Agner agora tem certeza, Argus é culpado.

Ela diz olhando para a paisagem na janela:

- Mais do que um assassinato, uma traição a toda casa. A traição é o crime mais execrável do mundo.

Cibeli não fala nada. Vai para o seu quarto.

Tranca a porta. Procura em um site de notícias seu nome. Ela acha uma notícia:

“Relação perigosa”

Uma foto dela com os filhos em uma homenagem, logo depois a reportagem começa:

A “Dama dos Perfumes” como é conhecida, a empresária e proprietária da Perfumaria Gatti, teria se envolvido em uma relação insólita que pode ter terminado em tragédia.

Um romance com seu motorista, um ex-presidiário que fazia parte de um programa patrocinado pela perfumaria para facilitar a inserção de ex-detentos na sociedade civil como cidadãos e trabalhadores. A história

começou quando seu motorista, foi acusado de praticar um furto de uma joia valiosa. Tudo indica que o ex-presidiário Argus Fernandes Cortez praticou um suposto furto de um anel...

Cibeli não quer ler mais nada. Algo vem a sua mente, ela se lembra do pai:

“Aqui está o valor que você me pediu. Acho muito caro para um curso de dois meses, mas eu entendo. Aproveite bem. Você sabe muito bem que este curso é o mais perto que você vai chegar de uma Universidade. ”

Ela se lembra de Erik:

“Você acha que é fácil conviver com uma mulher fria na cama como você, que finge gostar de sexo desde que nos conhecemos como fez comigo está noite? Você devia agradecer estas moças casuais em minha vida. Só por causa delas você não está sozinha. ”

Ela se lembra de Dacnar:

“Eu tenho um porta-retratos com a foto de minha primeira falecida esposa. Uma mulher especial. Nós não tivemos filhos, mas ela era uma batalhadora que me ajudou a construir meu futuro, além de ser uma paixão inesquecível. Uma mulher simples, sem

posses, mas foi decisiva em minha vida afetiva por motivos que guardarei sempre só para mim. Eu sempre durmo com a foto dela em cima de meu criado mudo. Algum problema? ”

Ela escuta novamente os risos histéricos. Ela sabe o que é. São os alunos da UERJ rindo dela. As risadas ficam mais fortes, ela as escuta claramente. Senta-se na cama desesperada e leva a sua cabeça aos joelhos. Tampa com as mãos seus ouvidos. Não adianta, os risos ficam cada vez mais fortes. (Eu estou ficando louca). Ela pensa em agonia. Algo vem claro a sua mente, é Argus naquele na delegacia, pronto para voltar à cadeia:

“Não espero que entenda. Eu tive pai e mãe, você não ”

Vinte minutos depois, os empregados da casa de campo estão em pânico. Cibeli não atende o interfone. Não responde o chamado deles. Não abre a porta de seu quarto. Aflitas, Natascha e Luana estão de mãos dadas diante da porta do quarto. Clarinha e Grace surram a porta impiedosamente, torcendo por um algum sinal de vida de Cibeli. Logo Leona chega à cena desesperada. Ela começa a chutar a porta do quarto e gritar pela mãe.

Até mesmo Agner está rendida com a cena, mas ela consegue falar:

- Alguém vá chamar os homens de casa.

Temos que arrombar a porta deste quarto o mais rápido possível.

Clarinha corre em direção às escadas da casa.

Logo Enzo, Cristóvão e Rodney estão junto à porta.

- Onde está Jeremy?

Enzo responde e joga seu ombro na porta com toda a sua força. Nada. A porta é forte. Ele responde a Agner.

- Clarinha foi chamá-lo.

Os três tentam arrombar a porta. Ainda nada.

As moças ajudam. A porta balança. Então um embalado Jeremy chega correndo pelo corredor e se joga na porta com todo o seu peso e força. A porta abre com violência.

Cibeli está jogada no chão. Desfalecida, inconsciente. Leona corre para ela e grita olhando para a mãe:

- Chamem uma ambulância!

São quatro horas da tarde no Hospital Municipal de Munique. Leona está junto à mãe.

- Foi um mal súbito, mãe. Algo perigoso que podia acabar em um AVC. (A decepção com Argus e a culpa pela morte de Hans e da tia vai acabar matando a mãe).

- Não foi só isto, filha.

Agora Cibeli olha aflita para Leona:

- Eu acho que estou ficando louca!

Depois de alguns segundos a filha diz angustiada, olhando para a mãe:

- Mãe, eu tenho algo a te dizer. Algo terrível. Algo muito grave que eu fiz. Fui eu quem levou o anel até a casa de campo. Que Deus me perdoe por que você, eu sei que não vai me perdoar nunca.